

# O discurso sobre leitor na obra *Água Viva*, de Clarice Lispector: um passeio pelo bosque da interdiscursividade

*The speech about reader in the *Água Viva* by Clarice Lispector:  
a walkway through forest of the interdiscursivity*

Valdicléa Souza<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz, Programa de Pós-Graduação em Letras, Ilhéus, BA, Brasil.

<sup>1</sup> Mestra em Letras: linguagens e representações, pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Especialista em Leitura e Produção Textual na Escola pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-Bahia. Autora do livro *O duplo papel do leitor* de Clarice Lispector no twitter: esboço de uma teoria da enunciação.

 <http://orcid.org/0000-0001-6005-8798>

E-mail: [valdicleasouza@hotmail.com](mailto:valdicleasouza@hotmail.com)

**RESUMO:** Objetivamos investigar o funcionamento do discurso sobre o leitor através da voz do narrador-personagem na obra *Água Viva*, de Clarice Lispector, com vista a oferecer aos profissionais da linguagem um estudo panorâmico sobre a questão da leitura e do leitor num prisma da AD na atualidade. Para esta discussão, escolhemos como base teórica e metodológica a AD de origem francesa. O presente artigo se constitui em uma contribuição para as discussões sobre a formação do leitor proficiente.

**Palavras-chave:** Interdiscursividade; Leitor; Significação.

**ABSTRACT:** We aim to inquire the operation of the speech on the reader through the narrator-character's voice in *Água Viva*, by Clarice Lispector, in order to offer for professionals of language a panoramic study about the problem of the reading and reader, in a perspective of Discourse Analysis in the present. For this discussion, we elect as theoretical and methodological basis the French Discourse Analysis. The present paper is a contribution for the debate about the problem of formation of the proficient reader.

**Keywords:** Interdiscursivity; Reader; Meaning.

## Introdução

A questão da leitura e do próprio leitor deve ser discutida por um prisma ideológico, haja vista que, em toda história da atividade de ler e de escrever ocidental, tal questão se autossignifica antes a partir de um envoltório organizado de ideias, de valores, de normas e de regras que determinam e prescrevem do exterior, em épocas específicas, o que os indivíduos devem pensar, como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem ler, como devem ler, que estereótipo de leitor devem assumir.

Por esse motivo, a atividade de ler e o próprio leitor devem ser pensados como uma construção ideológica prescrita pelos que estão em posição de dirigir o processo sistêmico de ideias. De certa forma, essa construção camufla e responde às inquietações que surgem em um determinado momento histórico, criando uma visão ilusória de unidade e estabilidade de ideias.

Nesse contexto, a construção do leitor envolve uma série de Aparelhos Ideológicos do Estado, técnicas e suportes disciplinadores que funcionam como mecanismos de perpetuação e de reprodução dos discursos, além de manter, por um tempo determinado, uma visão ideológica hegemônica. O processo de reprodução e de circulação dos discursos acontece nas práticas discursivas através do movimento de apagamento e demarcação da presença do *Outro* que funda e perpassa toda questão da significação e da discursividade.

Tal processo envolve um movimento de reconfiguração dos discursos no espaço da interdiscursividade, que, de acordo com Maingueneau (1996), revela a própria natureza instável, móvel, heterogênea do funcionamento do discurso.

Baseado nessa lógica, repetiu-se o discurso de ler e de escrever aqui e ali como atos mecânicos, não cabendo ao sujeito-leitor função no processo

de construção de sentido. Essa postura reforçou a ideia, por muito tempo defendida, de que o texto devia possibilitar uma leitura, e o leitor tinha apenas de seguir a lógica horizontal traçada pelo escritor para depreender um sentido preconcebido.

Um outro discurso que circula e que se reproduz é o do leitor participante do processo de significação defendido por Bakhtin (1997) e por seus partidários. Para eles, o leitor é atravessado pela ideologia, pela história e, por sua vez, é movido pelas relações sociais e de poder construídas nos contextos comunicativos. O texto, nesse caso, é um espaço em que o escritor e o leitor constroem harmoniosamente a significação. Tanto o escritor quanto o leitor, nessa acepção, são posições sociais assumidas pelos indivíduos.

Na contemporaneidade, esses discursos sobre o leitor coexistem revelando ora uma luta de poder ora uma unidade discursiva. A luta é necessária, uma vez que os discursos não se extinguem, mas se suplementam, evidenciando o caráter polissêmico e polifônico deles. O movimento entre os contrários forma uma unidade, ou seja, um novo discurso matizado pelo interdiscurso. Tencionamos asseverar que na novidade há sempre um eco dissonante de vozes replicadas. São essas vozes que despertam a suspeição de que o novo carrega algo familiar. Conforme essas ideias introdutórias, pretendemos analisar o funcionamento do discurso de leitor, estabelecendo uma relação com os discursos que circulam na sociedade, através da voz do narrador de Clarice Lispector em *Água Viva*.

Privilegiamos assim, para este artigo, um ponto de vista interdiscursivo. Apoiados na ideia de que o discurso é tomado por um *Outro* pré-existente e de que é a partir da marcação de afrontamentos polêmicos e de uma luta pelo direito à existência de um dos dois, afirmamos que o funcionamento do discurso sobre leitor acontece por meio de uma formação ideológica e de três formações discursivas. A primeira é a Formação Discursiva estruturalista, a segunda é a Formação Discursiva dialógica e a terceira é a

Formação Discursiva que se apresenta híbrida, pois se constitui mediante as duas supracitadas, tendendo para uma formação discursiva de um leitor proficiente. Com isso, defendemos que o funcionamento do discurso sobre o leitor se concretiza por meio de embates ideológicos entre formações discursivas pertencentes a um mesmo campo discursivo, nesse caso, a leitura.

Partindo dessa discussão, nesse artigo, tem-se como *corpus* a obra *Água Viva*, de Clarice Lispector, a qual é analisada a partir do Programa de Investigação Científica AD, de linha francesa, uma vez que este programa defende que o signo é ideológico e sua significação é resultado das relações sociais, históricas e culturais. O signo, nessa perspectiva, traz consigo toda tensão presente na realidade. Isso significa dizer que no signo se inscrevem poder, ideologia, o social, o cultural, o histórico e o sujeito. É esse último, o qual se movimenta de modo tenso e conflitante dentro dos discursos, que permite denunciar a presença de um lugar, de um espaço outro e do *Outro* que o atravessa.

Além disso, é um programa de leitura que permite uma problematização em torno de questões tais como: o que o autor quis dizer? Que significação contém este texto? Porque o autor fala e é falado em condições dadas, e o texto também diz algo não a partir de um conceito de imanência, mas sim por meio de mecanismos institucionais e extralinguísticos. Em virtude disso, para esse campo epistemológico, é numa teia discursiva que o processo de produção de sentido é construído.

Assim este trabalho obedece à seguinte estrutura: na primeira seção, analisamos o discurso de leitor, na obra *Água Viva* e como a repetição/atualização desse discurso implica construção de estereótipos<sup>1</sup>. Em seguida,

<sup>1</sup> O conceito de estereótipo é fundamentalmente ambíguo, como a própria noção de sujeito, por reunir, ao mesmo tempo, um desejo de conhecer e significar o outro e uma força coercitiva para contê-lo. Ver Silva, 2006.

identificamos, nos recortes, uma formação ideológica, além de reconhecer os princípios que regem as formações discursivas; e, por fim, travamos uma discussão sobre a interdiscursividade enquanto um elemento regulador da significação. Dessa forma, este trabalho se configura em uma atividade reflexiva que pode contribuir para a discussão atual em torno das práticas de ler e de escrever.

## 1 O discurso sobre o leitor na obra *Água Viva* de Clarice Lispector

Para os analistas do discurso, a matriz do sentido não está na relação dicotômica entre o significante/significado como propunha Saussure e os linguistas estruturalistas, mas sim na relação discursiva, a qual envolve indivíduos interpelados por um sistema de ideias que regula as práticas discursivas, as quais são determinadas e compreendidas por um tempo e um espaço.

A produção de sentido, nesse contexto, é regulada pela história e pelo social. Por essa razão, o discurso é considerado como uma instância dinâmica que sofre as coerções do histórico, do linguístico, do cultural em espaço peculiar. Isso pode ser melhor explicitado da seguinte maneira: o discurso é definido por intermédio de práticas reguladas por princípios e normas inscritos fora de um sistema linguístico, linear, gramatical e lógico, (apesar de ligado a ele), já que está submetido a um sistema complexo e intrincado de ideias, concebidas antes no intercâmbio social e propaladas pelas instituições, pelos aparelhos ideológicos e por aqueles que estão na posição de poder.

Dentro dessas condições, o imbricamento entre o discurso, o ideológico e o linguístico é inevitável, haja vista que é na articulação entre o poder, o saber e a língua que a instância discursiva se institui e constitui-se,

pois quem fala, fala de algum lugar; a partir de um direito reconhecido institucionalmente, e por intermédio de um sistema linguístico específico.

Por serem institucionalizados, os discursos possuem regras normativas que permitem a elaboração e descrição de princípios classificatórios. Nesse paradigma, o discurso é um conjunto de regras anônimas que possibilita o exercício de produção de sentido. Assim, o processo discursivo não tem um início, haja vista que o discurso surge de um discurso outro, o qual se constitui em matéria-prima. Como atesta Pêcheux (apud GADET; HAK, 1997, p. 77):

O discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido.

É interessante ressaltar, nesse quesito, que o discurso responde não a uma estrutura imutável, mas a um sistema de descontinuidade, suspendendo, assim, a permanência de um sentido único, por seu turno, instaurando a sua transitoriedade. É a posição social assumida por um indivíduo que determina a produção de sentido. Isso nos levar assinalar que o sujeito não é uma unidade, mas uma dispersão, é cindido, é uma partícula de um corpo histórico-social, sendo, assim, parte constitutiva de um discurso.

Ainda, quanto às deformações sofridas no processo de regularização de todo e qualquer discurso, estas são componentes que possibilitam a inscrição de um sujeito inconsciente que pretende ser o dono de um dizer singular. Nessa tentativa de anular o *outro*, o sujeito revela sua alteridade. Então, o processo é sempre dúbio, porque ao mesmo tempo em que ele

regulariza, ele atualiza o discurso. As deformações acontecem também devido às condições de produção do discurso. Estas levam o sujeito, no jogo discursivo, a se apropriar do dizer do outro e, simultaneamente, a dar um acento, um tom volitivo.

O sujeito inscrito nos discursos pode ser compreendido como uma função vazia, que deve ser preenchida por um indivíduo numa posição social dada e autorizada institucionalmente. Entretanto, pode também ser visto sob um prisma da psicanálise lacaniana como uma entidade que tende para um centro, para uma autonomia e apagamento da divisão e descentramento que uma posição social requer.

Contudo, o indivíduo – que se apropria do discurso e assume a função de sujeito – não regulariza e atualiza os discursos institucionalizados no nível consciente. Para Lacan (apud GADET; HAK, 1997, p. 53), ele precisa esquecer, ter a ilusão de que é fonte primeira do dizer e do dito para que a repetição se propague. Pêcheux e Fuchs (apud GADET; HAK, 1997, p. 171) denominam tal ação de esquecimento 1.

Assim, na obra *Água Viva*, o discurso sobre o leitor é enunciado por um sujeito reconhecido institucionalmente como uma autoridade do dito. Ele representa a posição social de autor. Sob a orientação do esquecimento 1, o sujeito se declara fonte e origem do seu dizer. Contudo, a presença do *Outro* na sua relação com *Mesmo*, permite recuperar, através da memória discursiva ou do arquivo, as regras e os princípios que organizam a enunciação e o enunciado, o dito e o dizer na obra *Água Viva*, no que diz respeito ao discurso sobre leitor. O autor, enquanto posição social, funciona como o elemento centralizador, ordenador do discurso, é um princípio de unidade. O narrador, a quem o autor empírico delega a responsabilidade do dizer, deve ser compreendido como um elemento linguístico que orienta a produção de sentido. Este é disperso e ocupa várias posições nos discursos enunciados na obra.

Com efeito, o narrador-personagem abre seu texto convidando o leitor para um jogo. Ele – que objetiva desconstruir os sentidos das coisas – brinca com leitor em todo o texto. Como uma criança diante de um brinquedo novo, o narrador-personagem desmonta a palavra em busca de uma origem primeira e absoluta. Todavia, o texto fica desmontado, porque, em seu jogo discursivo, o que interessa é desmontar para que os leitores possam juntar as peças do quebra-cabeça. Descobrimos, então, a intenção discursiva do narrador e, conseqüentemente, a figura de leitor construída em toda narrativa.

Ao brincar de quebra-cabeça com o leitor, o narrador-personagem evoca, para o interior de seus discursos, vozes replicadas e institucionalizadas, as quais permitem identificar alguns estereótipos de leitor sedimentados na cultura ocidental, porquanto o romance representa e refrata a língua viva de um povo, em um dado momento da história. Tais vozes refratadas no romance revelam as relações de luta ideológica e de poder.

Isso significar dizer que os discursos sobre leitor são oriundos, em todo processo de acumulação histórica dos saberes, de posicionamentos controversos. De um lado temos enunciados negativos, enunciados positivos e do outro lado, enunciados negativo-positivos coexistindo ao mesmo tempo. Os discursos são estabelecidos a partir de uma formação ideológica. O tema escolhido e que possibilita a origem de discursos divergentes na obra é o leitor. A relação entre um posicionamento e outro revela que não existe uma verdade imanente que possa determinar um valor específico de negativo ou de positivo para cada visão de leitor, mas o valor é antes determinado pelo interesse de quem está na posição de poder. O escritor, no seu exercício de poder, determina em seu discurso as variáveis valorativas quanto ao leitor que deseja.

Dentre os discursos que circulam na sociedade, alguns consideram o leitor apenas como um indivíduo de existência biológica e psicológica, sujeito universal e epistêmico, por conseguinte, tem existência limitada e fora do

sistema linguístico. Outros inscrevem o estereótipo de leitor enquanto sujeito histórico, portanto, um ser de existência na/pela linguagem. Também denominado como um “conjunto de instruções textuais, apresentadas pela manifestação linear do texto, precisamente, como um conjunto de frases ou de outros sinais” (ECO, 1994, p.22). E por fim, na pós-modernidade, é soerguido, pela linguagem, o estereótipo de leitor que imbrica todos os estereótipos acima, ou seja, constitui-se a partir de discursos antagônicos, obedecendo à lógica da dialética da pós-modernidade. Ser racionalista não implica em rebaixamento na relação com o leitor interacionista, mas a presença do primeiro é imprescindível para a constituição do segundo. Da relação tensa entre os dois discursos, temos um leitor que compreende o processo de produção e recepção de texto.

Portanto, nesse artigo, consideramos o ponto de vista da escritora, enquanto lugar social, vestida na roupagem do narrador, almejando evidenciar o funcionamento do seu discurso sobre seu próprio leitor, por meio da identificação e descrição das formações ideológica e discursiva que o entrecortam. Além disso, buscamos, através da interdiscursividade, a inscrição e a repetição desse discurso sobre o leitor em outras instituições. Nesse caso, academia e a escola. Diante da posição assumida, cabe esclarecer que o sentido da obra não é determinado *a priori* pelo escritor, mas se constitui por intermédio de sua inscrição em uma formação ideológica e discursiva dada dentro de uma condição histórica determinada.

Vejamos como esses estereótipos são representados na obra em estudo. Assim foram retirados os seguintes enunciados:

(01) Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições, já que escrevo tosco e sem ordem. (p.10)

(02) Hoje acabei a tela de que te falei: linhas redondas que se interpenetram em traços finos e negros, e tu, que tens o hábito de querer saber por que

- e por que não me interessa, a causa é matéria do passado – perguntarás por que os traços negros e finos? (p. 10)
- (03) Lê então o meu invento de pura vibração sem significado senão o de cada esfuziante sílaba, lê o que agora se segue: “com o correr dos séculos perdi o segredo do Egito, quando eu me movia em longitude, latitude e altitude com ação enérgica dos elétrons, prótons, nêutrons, no fascínio que é a palavra e a sua sombra”. (p. 11)
- (04) Este não é um livro, porque não é assim que se escreve. O que te escrevo é um só clímax? (p. 12)
- (05) Que mal porém tem eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais. (p. 12-13)
- (06) De vez em quando te darei uma história – ária melódica e cantabile para quebrar este meu quarteto de cordas: um trecho figurativo para abrir uma clareira na minha nutridora selva. (p. 31)
- (07) Tu és uma forma de ser eu, e eu uma forma de ti ser. Eis os limites de minha possibilidade. (p. 61)
- (08) Que o Deus me ajude: estou perdida. Preciso terrivelmente de você. Nós temos de ser dois. Para que o trigo fique alto. (p. 39)
- (09) Não vou falar no Deus, Ele é segredo meu. Está fazendo um dia de sol. A praia estava cheia de vento bom e de uma liberdade. E eu estava só. Sem precisar de ninguém. É difícil porque preciso repartir contigo o que sinto. (p. 49)
- (10) Você que me lê que me ajude a nascer. (p. 33)
- (11) Tudo acaba mas o que te escrevo continua. O que é bom muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas. (p. 86)
- (12) Preste atenção e é um favor: estou convidando você para mudar-se para um mundo novo. (p. 52)
- (13) Oh, como tudo é incerto. E no entanto dentro da ordem. (p. 59)
- (14) O que te escrevo não tem começo: é uma continuação. Das palavras deste canto, canto que é meu e teu, evolva-se um halo que transcende as frases, você sente? (p. 44)
- (15) História não te prometo aqui. Mas tem it. Quem suporta? It é mole e é ostra e é placenta. Não estou brincando pois não sou um sinônimo –

sou o próprio nome. Há uma linha de aço atravessando isto tudo que te escrevo (p. 35).

- (16) Isto que estou te escrevendo é em contralto. É negro-espiritual. Tem cor e velas acesas. Estou tendo agora uma vertigem. Tenho um pouco de medo. A quem me levará a minha liberdade? O que é isto que estou te escrevendo? Isso me deixa solitária. Mas vou e rezo e minha liberdade é regida pela ordem – já estou sem medo. O que me guia é só um senso de descoberta. Atrás do atrás do pensamento. (p. 60)
- (17) No entanto estou sendo franca e meu jogo é limpo. Abro o jogo. Só não conto os fatos de minha vida: sou secreta por natureza. O que há então? Só sei que não quero a impostura. Recuso-me. Eu me aprofundi mas não acredito em mim porque meu pensamento é inventado. (p. 41)
- (18) [...] Então advinha-se o jogo das ilhas e veem os canais e mares. Entende-me: escrevo-te uma onomatopeia, convulsão da linguagem. Transmito-te não uma história mas apenas palavras que vivem do som. Digo assim: “Tronco Luxurioso”. (p. 25)

Numa análise interdiscursiva<sup>2</sup>, nos enunciados (01), (02), (03), (04), (05), e (06), o sujeito-leitor pertence ao discurso de leitura defendido no modelo representacional formalista, ou seja, o leitor só compreende aquilo que está posto na linearidade do texto, procura lógica, a racionalidade e não sabe ler nas entrelinhas.

Já os enunciados (07), (08), (09), (10) e (11) pertencem ao discurso de leitor do modelo representacional interacionista em que, através do jogo discursivo, autor e leitor são colaboradores no processo de construção de sentido. Ainda nesses mesmos enunciados é possível identificar o discurso de leitor-modelo de Eco, ou seja, o leitor engendrado pelo autor como um mecanismo de significação do próprio texto.

<sup>2</sup> Segundo Maingueneau (2008), a gênese do discurso está no seu caráter interdiscursivo. É a interdiscursividade que revela para o analista a tríade: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. A tríade assegura ao analista a relação de dominação e dominado e a demarcação dos princípios e regras que regem o discurso.

Há ainda nos enunciados (12), (13), (14), (15), (16), (17), e (18) a presença, a inscrição dos dois discursos acima descritos. Eles encontram-se imbricados, numa relação dialética da contradição, em que os discursos opostos não se anulam, mas se coadunam, sendo apresentados como uma unidade. A oposição se mostra necessária no jogo dialético para constituição do discurso de leitor-modelo de *Água Viva*. Esses enunciados reforçam que o leitor-modelo presente pertence ao discurso da ambivalência, já que a narradora e o autor-modelo<sup>3</sup>, no seu jogo dúbio, não anulam os paradoxos, mas se apropriam disso para construir a figura do leitor que deve também ser autor (leitor-autor).

## 2 Formações ideológicas no discurso literário de Clarice Lispector

A tentativa de identificar e atrelar os estereótipos de leitor representados no discurso literário de Clarice Lispector a uma prática social comum na sociedade ocidental, leva-nos a discutir a noção de Formações Ideológicas. Nessa visão, refletir sobre as formações ideológicas é antes considerar o próprio funcionamento do discurso, uma vez que os indivíduos são afetados por elas e as reproduzem nas relações sociais. Partindo dessa premissa, devemos considerar que: 1) Interagir pressupõe um jogo estratégico e polêmico de simulação que articula saber e poder, ação e reação, dominação e esquivia, e luta; 2) os indivíduos são interpelados, assujeitados a uma ideologia, à história e ao social; 3) a ideologia, a história e o social se materializam na língua por meio dos discursos; 4) o sentido, portanto, é

<sup>3</sup> Terminologia tomada de empréstimo de Eco, que define autor-modelo como “uma voz que nos fala afetuosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente), que nos quer ao seu lado. Essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e devemos seguir quando decidimos agir como o leitor-modelo” (1994, p.21). Na AD, Maingueneau classifica-os como autor implícito e leitor implícito.

orientado conforme a ideologia e um princípio regulador que permitem o que deve e que não deve ser dito por um indivíduo que o emprega; 5) o discurso é uma instância que, além de indiciar uma ideologia, denuncia quem fala, o lugar de onde se fala e a posição de quem fala autorizada por uma instituição, para quem fala e como fala; 6) o discurso se origina de uma formação ideológica; 7) o discurso tem um sujeito dele; 8) É esse sujeito que ocupa uma dada posição social. Ele é uma posição vazia que pode ser assumida por inúmeros indivíduos.

Diante disso, percebemos que o funcionamento do discurso pressupõe um embate, um afrontamento de “posições políticas e ideológicas que se organizam de forma a entreter entre si relações de aliança, de antagonismos ou de dominação” (BRANDÃO, 2004, p.47). Noutras palavras, todo discurso implica uma formação ideológica, haja vista que ele se constitui a partir do que não é e do que não aceita. Daí Brandão definir a Formação Ideológica como “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras” (HOROCHE et al., 1971 apud BRANDÃO, 1997, p. 38).

Na obra *Água Viva*, verificamos que esse conjunto complexo de atitudes e de representações se materializa nos discursos do narrador, através do tema do leitor. Tal tema provoca posicionamentos diferentes por parte do narrador no seu diálogo com um leitor pressuposto. Traduzindo, os discursos sobre o leitor apresentam posicionamentos divergentes e convergentes numa estratégia de dominação do narrador sobre seu leitor prefigurado. Observemos algumas dessas representações apresentadas nos enunciados abaixo as quais mantêm uma relação parafrástica com o estereótipo negativo de leitor:

- (01) Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições, já que escrevo tosco e sem ordem. (p. 10)
- (02) Hoje acabei a tela de que te falei: linhas redondas que se interpenetram em traços finos e negros, e tu, que tens o hábito de querer saber por que – e por que não me interessa, a causa é matéria do passado – perguntarás por que os traços negros e finos? (p. 10)
- (03) Lê então o meu invento de pura vibração sem significado senão o de cada esfuziante sílaba, lê o que agora se segue: “com o correr dos séculos perdi o segredo do Egito, quando eu me movia em longitude, latitude e altitude com ação enérgica dos elétrons, prótons, nêutrons, no fascínio que é a palavra e a sua sombra. (p. 11)
- (04) Este não é um livro, porque não é assim que se escreve. O que te escrevo é um só clímax? (p. 12)
- (05) Que mal porém tem eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais. (p. 12-13)
- (06) De vez em quando te darei uma história – ária melódica e cantabile para quebrar este meu quarteto de cordas: um trecho figurativo para abrir uma clareira na minha nutridora selva. (p. 31)

Os enunciados abaixo explicitam as relações parafrásticas positivas do estereótipo de leitor inscrito no discurso de leitor:

- (07) Tu és uma forma de ser eu, e eu uma forma de ti ser. Eis os limites de minha possibilidade. (p. 61)
- (08) Que o Deus me ajude: estou perdida. Preciso terrivelmente de você. Nós temos de ser dois. Para que o trigo fique alto. (p. 39)
- (09) Não vou falar no Deus, Ele é segredo meu. Está fazendo um dia de sol. A praia estava cheia de vento bom e de uma liberdade. E eu estava só. Sem precisar de ninguém. É difícil porque preciso repartir contigo o que sinto. (p. 49)
- (10) Você que me lê que me ajude a nascer. (p. 33)
- (11) Tudo acaba mas o que te escrevo continua. O que é bom muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas. (p. 86)

Por fim, selecionamos abaixo os seguintes enunciados que elucidam a presença de relações parafrásticas positivas e negativas ao mesmo do discurso sobre o leitor, indiciando a presença de leitor-autor:

- (12) Preste atenção e é um favor: estou convidando você para mudar-se para um mundo novo. (p. 52)
- (13) Oh, como tudo é incerto. E no entanto dentro da ordem. (p. 59)
- (14) O que te escrevo não tem começo: é uma continuação. Das palavras deste canto, canto que é meu e teu, evola-se um halo que transcende as frases, você sente? (p. 44)
- (15) História não te prometo aqui. Mas tem it. Quem suporta? It é mole e é ostra e é placenta. Não estou brincando pois não sou um sinônimo – sou o próprio nome. Há uma linha de aço atravessando isto tudo que te escrevo. (p. 35)
- (16) Isto que estou te escrevendo é em contralto. É negro-espíritual. Tem cor e velas acesas. Estou tendo agora uma vertigem. Tenho um pouco de medo. A quem me levará a minha liberdade? O que é isto que estou te escrevendo? Isso me deixa solitária. Mas vou e rezo e minha liberdade é regida pela ordem – já estou sem medo. O que me guia é só um senso de descoberta. Atrás do atrás do pensamento. (p. 60)
- (17) No entanto estou sendo franca e meu jogo é limpo. Abro o jogo. Só não conto os fatos de minha vida: sou secreta por natureza. O que há então? Só sei que não quero a impostura. Recuso-me. Eu me aprofundei mas não acredito em mim porque meu pensamento é inventado. (p. 41)
- (18) [...] Então advinha-se o jogo das ilhas e veem os canais e mares. Entende-me: escrevo-te uma onomatopeia, convulsão da linguagem. Transmito-te não uma história mas apenas palavras que vivem do som. Digo assim: “Tronco Luxurioso. (p. 25)

Com base nos enunciados supracitados, percebemos que o narrador simula um jogo estratégico de saber e poder entre o discurso sobre o leitor cartesiano, o leitor interacionista, – em que parece haver uma harmonia, uma troca entre quem enuncia e o enunciário – e o leitor contemporâneo,

o qual é regido pelos princípios e regras do discurso cartesiano e o do interacionista. (discurso da pós-modernidade). O foco do discurso sobre leitor não está apenas na voz que diz eu e o guia, mas, sobretudo, nos princípios que organizam, regem e configuram o espaço discursivo.

Consoante Maingueneau (2008, p.35), o espaço discursivo são subconjuntos de formações discursivas que o analista diante de seu propósito julga relevante por em relação. Assim, tais restrições e relações são possíveis graças à acumulação do saber histórico que pode confirmar ou negar a relação. Por conseguinte, o espaço discursivo nasce, nessa perspectiva, a partir da associação entre o discurso do escritor sobre o leitor e o conhecimento acadêmico sobre tal tema. Tal associação não estava determinada *a priori*, mas é uma escolha do analista estabelecer a correlação.

Assim, na primeira posição defendida nos enunciados (01), (02), (03), (04), (05) e (06), o discurso apresenta evidências de um traço negativo sobre o leitor, pois é este demasiadamente racional. Isso quer dizer que tal leitor necessita de uma organização estrutural e lógica para imprimir sentido. Ele deseja, num romance, uma história em que reconheça e identifique um referente no mundo factual.

Na segunda visão apresentada nos enunciados (07), (08), (09), (10) e (11), o discurso sobre o leitor manifesta traços positivos, já que sujeito prefigurado é convidado a participar da construção da história e, por sua vez, não deve esperar que todas as informações estejam postas na cadeia linear do texto. Há uma troca, um conhecimento comum sendo compartilhado, portanto, a história deve ser recuperada antes pelas entrelinhas, pelo não-dito.

Já na terceira posição defendida nos enunciados (12), (13), (14), (15), (16), (17) e (18), o discurso enunciado pelo narrador projeta a figura de um leitor que está preso à linearidade textual, a estrutura, mas a atividade não se esgota nesse processo, pois deve, ainda, procurar dar a ver o não visto,

o discurso, os princípios que regem toda a estrutura e à organização de um texto literário. A estrutura se constitui no próprio ato enunciativo e não obedece a uma forma pré-estabelecida. Nessa posição, o leitor é um produtor de sentidos, já que ele não apenas reduplica, numa acepção tradicional, mas também suplementa<sup>4</sup>. É a partir de um traço negativo e outro positivo imbricados que o terceiro discurso de leitor se manifesta. O terceiro discurso exige a assunção de um sujeito que tem uma competência específica e que transita com certa habilidade entre as instâncias de produção e recepção de textos. Sendo assim, é capaz de compreender as transgressões, as elipses, as entrelinhas e os espaços em branco deixados propositalmente pelo autor. A esse sujeito convidado a interagir com o narrador chamamos de leitor-autor.

Com efeito, podemos asseverar que o discurso sobre o leitor-modelo<sup>5</sup> de *Água Viva* funciona a partir de uma discussão ideológica e de poder em um campo discursivo, nesse caso, a área da linguagem, já que o narrador traça um jogo de dominação e esquiva, de reação positiva e negativa quanto à configuração do seu leitor. Por essa razão, entendemos que há uma formação ideológica organizando e direcionando o funcionamento do discurso do leitor clariceano.

### 3 As formações discursivas do leitor clariceano pela ótica do narrador

Além da identificação de uma Formação Ideológica (FI), o funcionamento do discurso está condicionado a uma ou mais formações discursivas, as

<sup>4</sup> O conceito de suplementação é discutido como uma atividade de ler e escrever que transgredir e ao mesmo tempo respeita o interdito. Em outros termos, a atividade de suplementação envolve interpretação e comentário na qual o leitor deve produzir sentido preso à estrutura interna do texto. É o jogo construído no espaço discursivo que permite a atividade de interpretação e comentário. Ver na referência Derrida (2008).

<sup>5</sup> O leitor-modelo é uma estratégia textual que orienta os movimentos de ir, vir e devir do leitor empírico em um processo de leitura. Ver Eco (1994).

quais determinam e regulam “o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em conjuntura dada” (BRANDÃO, 2004, p.48).

Essa postura não encerra o “dizer” em jaulas intransponíveis. Pelo contrário, as Formações Discursivas têm em sua natureza e em sua gênese a instabilidade, a heterogeneidade e o deslocamento constante. Isso se traduz da seguinte maneira: as Formações Discursivas (FDs) não possuem princípios rígidos e fechados em si mesmos. Por conta disso, sofrem interferência de outras FDs, já que estão no domínio do embate e da luta ideológica. Conforme Brandão, o seu fechamento é bastante instável, não havendo fronteiras rigorosas que as separem. Nesse sentido, pensar as FDs como conjunto de regras fechadas e intransponíveis, é retornar necessariamente às questões de imanência e essencialidade tão caras ao estruturalismo.

Por essa razão, identificamos e descrevemos as formações discursivas geradas pela formação ideológica: uma formação discursiva de um leitor estruturalista, uma do leitor interacionista e outra formação que apresenta princípios das outras duas, a qual nós denominamos de Formação Discursiva (FD) do leitor-autor. É o reconhecimento das formações discursivas que permite imprimir aos signos sentidos, pois elas dão legalidade, licenciam o que pode e o que não deve ser dito. Por meio da categorização dos estereótipos de leitor, vamos caracterizar os princípios que regem esses três discursos.

### 3.1 Formação discursiva 1: princípios que regulam o discurso de leitor estruturalista

Com base na ideia de que a Formação Discursiva é um conjunto de normas e princípios que estabelecem o que deve ser dito em uma dada condição histórica, na Formação Discursiva 1, tencionamos averiguar, no conjunto de enunciados, a regularidade discursiva do leitor estruturalista,

bem como descrever os princípios vetores da ideologia e da teoria da leitura em tal paradigma. Observemos:

- (01) Quando vieres a me ler perguntaras por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições, já que escrevo tosco e sem ordem. (p.10)
- (02) Hoje acabei a tela de que te falei: linhas redondas que se interpenetram em traços finos e negros, e tu, que tens o hábito de querer saber por que – e por que não me interessa, a causa é matéria do passado – perguntarás por que os traços negros e finos? (p.10)
- (03) Lê então o meu invento de pura vibração sem significado senão o de cada esfuziante sílaba, lê o que agora se segue: “com o correr dos séculos perdi o segredo do Egito, quando eu me movia em longitude, latitude e altitude com ação enérgica dos elétrons, prótons, nêutrons, no fascínio que é a palavra e a sua sombra. (p.11)
- (04) Este não é um livro, porque não é assim que se escreve. O que te escrevo é um só clímax? (p.12)
- (05) Que mal porém tem eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais. (p.12-13)
- (06) De vez em quando te darei uma história. (p.31)

Do enunciado (01) podemos depreender o seguinte princípio: o leitor exige uma organização textual lógica por parte do escritor. Do enunciado (02), é possível inferir que o leitor questiona tudo que foge a uma ordem pré-estabelecida. Do enunciado (03) podemos compreender que o leitor busca o sentido racional e realista das coisas. Do enunciado (04) depreendemos que o leitor pressupõe que uma narrativa possui certa estrutura, nesse caso, o enredo deve evidenciar uma apresentação, um conflito, um clímax e um desfecho. Do enunciado (05) deduzimos que o leitor interpela o escritor exigindo sentido. Do enunciado (06), inferimos que o leitor quer se encantar, envolver-se sempre com um enredo.

Diante da descrição dos princípios que organizam o discurso do leitor estruturalista, podemos determinar que a FD1 permite dizer que o leitor:

- a) prima por uma organização estrutural e lógica;
- b) questiona tudo que foge à lógica cartesiana;
- c) deseja sempre uma identificação com a realidade para significar as coisas no mundo;
- d) é estruturalista;
- e) acredita que o sentido está posto; e
- f) busca num romance uma história realista.

### 3.2 Formação discursiva 2: princípios que regulam discurso de leitor interacionista

Assim como na seção anterior, na Formação discursiva 2, buscamos, por meio dos enunciados selecionados da obra *Água Viva*, analisar e descrever a regularidade e a dispersão dos princípios informadores do discurso interacionista de leitor na forma de uma ideologia e de uma teoria, as quais, convém lembrar, propugnam a prevalência do ser de linguagem. Nos trechos, o narrador evidencia a importância da participação do leitor no processo de validação do seu dizer, negando a ideia de monologismo e de imanência dos sentidos. Analisemos:

- (07) Tu és uma forma de ser eu, e eu uma forma de ti ser. Eis os limites de minha possibilidade. (p.61)
- (08) Que o Deus me ajude: estou perdida. Preciso terrivelmente de você. Nós temos de ser dois. Para que ser dois. Para que o trigo fique alto. (p. 39)
- (09) Não vou falar no Deus, Ele é segredo meu. Está fazendo um dia de sol. A praia estava cheia de vento bom e de uma liberdade. E eu estava só. Sem precisar de ninguém. É difícil porque preciso repartir contigo o que sinto. (p. 49)
- (10) Você que me lê que me ajude a nascer. (p. 33)

- (11) Tudo acaba mas o que te escrevo continua. O que é bom muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas. (p.86)

Do enunciado (07) é possível depreender a seguinte regra: o leitor é a outra face do autor, é o seu outro. Do enunciado (08) podemos inferir que o leitor é um colaborador na construção da história. Do enunciado (09), compreendemos que o leitor é um participante da história na condição de confidente. Do enunciado (10), inferimos que o leitor é também produtor de sentido. Do enunciado (11), deduzimos que o leitor deve buscar o sentido na parte não visível.

Considerando a depreensão das regras que regem o discurso de leitor interacionista, podemos afirmar que a FD2 possibilita dizer que o leitor:

- a) é a outra face do escritor;
- b) é colaborador na construção da narrativa;
- c) é participante da história, cúmplice, confidente com quem ela compartilha conhecimento;
- d) é produtor de sentido; e
- e) é aquele que busca o fio discursivo.

### 3.3 Formação discursiva 3: princípios que regem o discurso de leitor proficiente (leitor-autor)

Na medida em que se apoiam em uma mesma formação discursiva, os enunciados ora analisados evidenciam um discurso acerca do leitor-autor. Na obra *Água Viva*, o narrador deseja e constrói uma representação de um leitor capaz de compreender as linhas mestras do seu projeto arquitetônico de escrever e de ler literatura, porque ele (leitor) também é autor. Embora a narradora acredite estar criando um ser novo, as regras e os princípios que se escondem no plano geral do dito evidenciam uma certa regularidade discursiva. Esta regularidade permite a diminuição da opacidade do discurso,

ou seja, permite a vinculação do dizer a um já-dito, conferindo, com isso, um certo sentido aquilo que é enunciado. Nesse contexto, o dizer da narradora é consubstanciado pela ideologia e pela teoria do leitor proficiente. Vejamos:

- (12) Preste atenção e é um favor: estou convidando você para mudar-se para um mundo novo. (p. 52)
- (13) Oh, como tudo é incerto. E no entanto dentro da ordem. (p. 59)
- (14) O que te escrevo não tem começo: é uma continuação. Das palavras deste canto, canto que é meu e teu, evolva-se um halo que transcende as frases, você sente? (p. 44)
- (15) História não te prometo aqui. Mas tem it. Quem suporta? It é mole e é ostra e é placenta. Não estou brincando pois não sou um sinônimo – sou o próprio nome. Há uma linha de aço atravessando isto tudo que te escrevo.
- (16) Isto que estou te escrevendo é em contralto. É negro-espíritual. Tem coro e velas acesas. Estou tendo agora uma vertigem. Tenho um pouco de medo. A quem me levará a minha liberdade? O que é isto que estou te escrevendo? Isso me deixa solitária. Mas vou e rezo e minha liberdade é regida pela ordem – já estou sem medo. O que me guia é só um senso de descoberta. Atrás do atrás do pensamento. (p. 60)
- (17) No entanto estou sendo franca e meu jogo é limpo. Abro o jogo. Só não conto os fatos de minha vida: sou secreta por natureza. O que há então? Só sei que não quero a impostura. Recuso-me. Eu me aprofundei mas não acredito em mim porque meu pensamento é inventado. (p. 41)
- (18) “[...] Então adivinha-se o jogo das ilhas e veem os canais e mares. Entende-me: escrevo-te uma onomatopéia, convulsão da linguagem. Transmito-te não uma história mas apenas palavras que vivem do som. Digo assim: “Tronco Luxurioso”. (p. 25)

Do enunciado (12), é possível depreender o seguinte princípio: o leitor racional precisa apenas prestar atenção nas regras do jogo traçado pelo autor para se tornar o leitor colaborador. Do enunciado (13), inferimos que o leitor que deseja ordem deve encontrá-la nas ideias incertas do autor. Do

enunciado (14), deduzimos que o leitor que busca uma história é induzido a procurar o sentido do texto além da linearidade, do enredo. Do enunciado (15), apreendemos que o leitor é orientado a desprender-se da estrutura comum dos outros romances, apesar deste também ter uma estrutura própria. Do enunciado (16) deduzimos que o leitor é livre para interpretar, mas está preso à ordem, ao jogo traçado pelo autor. Do enunciado (17), compreendemos que o leitor é um elemento que faz parte do jogo de ficção criado pelo autor. Do enunciado (18), entendemos que o leitor está preso a estrutura, mas é na identificação das regras do jogo de leitura que ele vai encontrar o sentido do texto.

Partindo da análise feita acima, podemos caracterizar o leitor da FD3 como:

- a) aquele que depende da ordem e da estrutura, do retórico, mas também deve compreender os meandros de produção literária;
- b) aquele que deve encontrar não uma ordem pré-estabelecida, mas uma ordem construída na relação autor/leitor;
- c) aquele que deve buscar na estrutura apenas as regras que induzem ao sentido;
- d) aquele que não só é guiado pela história, mas pela ordem estabelecida, ou seja, pelas regras de significação;
- e) aquele que está livre para interpretar e ao mesmo tempo está preso a uma ordem criada na interação entre autor e leitor.
- f) aquele que é uma peça do jogo traçado pelo autor; e
- g) aquele que orientado pela estrutura é capaz de descobrir o jogo discursivo e retórico criado pelo autor.

Com base nessa descrição, vislumbramos que o discurso é dialógico, vivo – como a própria linguagem – e seu funcionamento ocorre, sobretudo, a partir do deslocamento de princípios e regras pertencentes a um mesmo campo discursivo, porém a FDs distintas.

#### 4 Caminhos da interdiscursividade no discurso de leitor em *Água Viva* de Clarice Lispector

A discussão sobre as FDs que constituem o discurso clariceano sobre o seu próprio leitor é um ponto capital da análise, uma vez que vislumbramos um mapa da gênese do seu próprio discurso. Em outros termos, a identidade e a característica principal do discurso clariceano é a heterogeneidade.

Segundo Brandão (2004), é a heterogeneidade que liga de maneira constitutiva o Mesmo do discurso com o seu Outro, ou seja, aquilo que possibilita a marca no discurso daquilo que já foi dito alhures e que permite todo processo de significação da língua.

Vale lembrar que a inscrição do já-dito no discurso pode ocorrer de duas formas: mostrada e/ou não-mostrada. Para Torga (2001, p.37-38), a heterogeneidade mostrada:

consiste em inscrever o Outro no discurso pelas marcas linguísticas presentes no fio do discurso e sua inserção no discurso levará em consideração que a) o discurso se constitui de já-dito; b) o discurso existe tendo em vista um destinatário e que implica as condições de produção do discurso. Na heterogeneidade, temos as aspas, as glosas, o discurso direto, indireto, paráfrase/paródia [...].

Já na heterogeneidade não-mostrada, é possível apreender a presença do Outro por meio do interdiscurso, do intradiscurso e da intertextualidade. Enquanto a heterogeneidade constitutiva apreende um conjunto de diferentes discursos que se delimitam de modo irrepresentável no fio discursivo, a heterogeneidade mostrada mostra no fio discursivo o conjunto de diferentes discursos.

A teorização sobre a heterogeneidade nos leva a constatação de que o discurso não é autossuficiente, pois suas condições de possibilidades semânticas se concretizam num espaço de trocas e jamais enquanto

entidade fechada. Portanto, a identificação das FDs implica a sua relação com o interdiscurso. O interdiscurso se define, dessa forma, como:

um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é conduzida [...] a incorporar elementos pré-construídos produzidos no interior dela própria; a produzir uma redefinição e seu retorno, a suscitar igualmente a lembrança de seus próprios elementos, a organizar a sua repetição, mas também a provocar eventualmente seu apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação (COURINE; MARANDIN, 1981 apud BRANDÃO, 2004, p. 91).

Percorrendo o caminho da interdiscursividade, o discurso sobre o leitor na obra *Água Viva* é uma atualização dos discursos que circulam na academia e na escola.

O Aparelho Ideológico do Estado, mais precisamente, a academia, é um dos responsáveis pela circulação dos discursos, os quais são, num processo de interdiscursividade, incorporados às práticas sociais dos sujeitos históricos. Desse modo, os representantes formalistas propalaram, durante muito tempo, a ideia de que o leitor deve encontrar na estrutura o sentido desejado pelo autor, o que implica que o prazer do texto se origina na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural. Nesse espaço ideológico, o leitor é uma figura racional, com capacidade apenas de elaborar operações lógicas sobre estruturas preconcebidas. Observemos:

Que mal porém tem eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais (p. 12-13).

O discurso formalista é recuperado aqui pela alusão, sendo esta a estratégia de escrever e ler que permite recuperar, no movimento interdiscursivo, aquilo que não se mostra no fio linguístico. Os signos *lógica*, *classificar*, *gênero* indiciam o leitor cartesiano e formalista, na medida em

que este era concebido a partir de uma teoria pura da racionalidade humana. No movimento de circulação dessa ideologia, a escola também ensinava e formava leitores formalistas, quando, em aulas de leitura, afirmava que o sentido era definido pelo escritor. Os livros didáticos também reproduzem os discursos daqueles que estão em posição de dirigir a significação. Nestes, decodificação e descoberta de sentido se confundem. Ler nada mais é do que uma incursão mecânica na consciência daquele que escreve, o que se dá por meio de operações lógico-matemáticas.

Entendendo que o discurso é dialógico e se constitui por meio de lutas de posições ideológicas, o discurso formalista produz, na academia, o discurso interacionista, que também é repetido e atualizado em *Água Viva*. Nesse modelo ideológico, o leitor é um participante do processo de construção de sentido, ou seja, é o leitor que dar sentido ao conjunto global e sequencial do texto. A escola, através de cursos de aperfeiçoamento, acolheu o discurso interacionista, e os profissionais da educação estão engajados em formar um leitor que interage nos espaços sociais. Sendo assim, observemos que o já-dito se apresenta, no trecho abaixo, a partir de pequenos indícios, como a presença de pronomes *Eu* e *Tu*. Estes termos aludem à constituição de um sentido que se dá pela relação dialógica entre o eu e o outro:

Tu és uma forma de ser eu, e eu uma forma de ti ser. Eis os limites de minha possibilidade (p. 61).

Não seria esse, então, o discurso propalado pelo MEC, pelos PCNs, pelos livros didáticos e pela mídia em geral? Ainda é possível perceber que, nesse campo discursivo, surge outra problematização que envolve o leitor. O discurso de Clarice apresenta, numa mesma FD, a inscrição de princípios que regem tanto o discurso de leitor formalista quanto o discurso de leitor interacionista. Isso pode se compreendido dentro do discurso acadêmico como uma nova tendência surgida na pós-modernidade em que o leitor é

considerado como um ser dotado de capacidade lógica e racional, mas isso não anula a possibilidade da atividade de interpretação e de comentário se construir através de jogo discursivo traçada na linearidade textual.

Ademais, existe uma preocupação das instituições de educação em formar um leitor proficiente, capaz de compreender os meandros da produção e da recepção de textos variados. Há todo um movimento no sentido de construção de um leitor-produtor (leitor-autor). O autor, em *Água Viva*, democratiza o processo de produção ao compartilhar a responsabilidade do sentido com o leitor. Por sua vez, a produção de sentido será orientada por uma formação ideológica e discursiva construída no espaço discursivo e textual. Esse discurso é atualizado no seguinte trecho:

[...] Então advinha-se o jogo das ilhas e veem os canais e mares. Entende-me: escrevo-te uma onomatopéia, (*sic*) convulsão da linguagem. Transmito-te não uma história mas apenas palavras que vivem do som. Digo assim: “Tronco Luxurioso” (p. 25).

Nesse fragmento, Clarice, na voz do narrador, indicia um jogo em que o leitor necessita descobrir as regras para poder interagir, construir a estrutura e o sentido do texto. Não é então aqui a manifestação da presença de um discurso da academia e dos cursos de aperfeiçoamento, dos programas de Pós-Graduação e dos centros de pesquisa da linguagem? A figura do leitor, portanto, é produto de construções ideológicas, sustentadas por uma série de mecanismos e pelo sujeito que as reproduz e as faz circular em circunstâncias temporais e espaciais determinadas.

## Conclusão

Em *Água Viva*, utilizando-se da interdiscursividade, o discurso de leitor institucionalizado é atualizado por Clarice Lispector através da voz

do narrador-personagem, o qual representa e refrata sua outra face, a de leitor(es), sendo este(s) é (são) de um lado racionais e cartesianos e de outros colaboradores, cúmplice e “partilhadores” de saber.

Com isso, afirmamos que o funcionamento do discurso clariceano sobre o seu leitor ocorre através da denegação e afirmação no espaço discursivo de discursos já-dito em lugares institucionalizados e constantemente atualizados através de uma Formação Ideológica e das Formações discursivas. Fica, entretanto, claro, nessa seção final, que as formações discursivas são elásticas, móveis e intercambiáveis como a própria linguagem. Por conseguinte, o fenômeno da leitura e do leitor deve ser entendido como uma atividade ideológica de luta e de demarcação de poder e não como um exercício mecânico natural dos indivíduos. É antes pela interpelação de uma ideologia e da história que o leitor deve ser inscrito nos contextos de produção de significação específica.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 2.ed. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2004.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gêneses do Discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Editorial Parábola, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas-SP: Editora Unicamp, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O Currículo como Fetiche: a poética e a política da representação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. *O Movimento de Sentido da Alusão: uma estratégia textual da leitura de Ler e Escrever e Fazer conta de cabeça de Bartolomeu Campos Queiroz*. 2001. 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 2001.

Recebido em 30/06/2018

Aceito em 04/12/2018